

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**O DESPERTAR NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RESSIGNIFICANDO AS ROTINAS DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

ARTIGO MONOGRÁFICO

Analéia Maraschin da Costa

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**O DESPERTAR NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RESSIGNIFICANDO AS ROTINAS DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Analéia Maraschin da Costa

Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Graziela Escandiel de Lima

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Docência na Educação Infantil**

**A comissão examinadora, abaixo assinada,
Aprova o artigo monográfico**

**O DESPERTAR NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESSIGNIFICANDO
AS ROTINAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

elaborada por
Analéia Maraschin da Costa

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Graziela Escandiel de Lima

Prof^ª. Ms. Clarice Tomazzetti (UFSM)

Prof^ª. Dr^ª. Roseane Coelho (UFSM)

Santa Maria, 13 de Setembro de 2013

SUMÁRIO

1. DOS CAMINHOS QUE TRILHEI: CONSTITUINDO-ME PROFESSORA	6
2. ESTRANHANDO O ÓBVIO, REPENSANDO FAZERES	12
3. PARA NORTEAR A PRÁTICA: TEORIZANDO OS FAZERES	14
4. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS: PASSOS DADOS ATÉ AQUI.....	18
4.1 Intervenção Despertar.....	20
4.2 Na busca pelo Despertar coletivo	22
5. PARA SEGUIR DESPERTANDO... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	27
REFERÊNCIAS	29

DESPERTAR NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESSIGNIFICANDO AS ROTINAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ¹

Analéia Maraschin da Costa²

Graziela Escandiel de Lima³

Resumo: O presente trabalho surge como fruto da Especialização em Docência na Educação Infantil, das inquietações e leituras do decorrer do curso, pois a partir delas foi possível estabelecer uma prática reflexiva e posicionar-se criticamente frente ao nosso trabalho, estranhando o óbvio e ampliando nossos sentidos de ouvir e olhar a criança. Imersos na realidade da escola pública acabamos por perder muitas vezes nossos ideais, acomodando-nos ao que já está posto, ao que se faz assim e por que assim sempre foi feito, pouco ou nada se reflete sobre. Mas esta Especialização inquietou nossos pensamentos e ampliou nossos olhares fez-nos *Despertar* para ressignificar nosso trabalho. Assim, senti-me envolvida, tocada e disposta a qualificar minha prática, traçando objetivos, metas e reflexões, transpondo a barreira do senso comum e construindo uma prática que faça a diferença na vida das crianças da escola pública e de periferia em que trabalho. Este artigo inicia-se com um revisitar de minha história de vida, trazendo elementos da minha constituição como professora de crianças pequenas, em seguida trago minhas inquietações referentes às rotinas da prática pedagógica que vivencio na Escola Municipal de Educação Infantil Ida Fiori Druck. Dando continuidade, faço uma recorrência teórica buscando autores que me auxiliem a pensar concepções relevantes a cerca da profissão, apresento também os caminhos trilhados, bem como a intervenção feita no cotidiano em que estou inserida com as respectivas análises e compreensões.

Palavras-chave: Educação Infantil, prática pedagógica, rotina

Abstract: This work comes as a result of Specialization in Teaching in Early Childhood Education , the concerns and readings throughout the course, because from them it was possible to establish a reflective practice and position themselves critically against our work, wondering the obvious and increasing our senses to listen and look at the child. Immersed in the reality of public school often end up losing our ideals, accommodating ourselves to that which is laid , it is done so well and why it has always been done, little or nothing is reflected on. But this Expertise unsettled our thoughts and our eyes widened made us Awakening to reframe our work. So, I was involved, touched and willing to qualify my practice, outlining objectives, goals and thoughts, crossing the barrier of common sense and building a practice that makes a difference in the lives of public school children and periphery that work. This article begins with a revisiting of my life story, bringing elements of my constitution as a teacher of young children, then bring my concerns regarding pedagogical practice routines that I experience at the Municipal School of Early Childhood Education Ida Fiori Druck . Continuing , do a recurrence theoretical seeking authors who assist me in thinking about concepts relevant to the profession, the paths trodden also present, as well as in everyday speech made in which I am placed with their analyzes and understandings .

Keywords: Early childhood education, teaching practice, routine

¹ Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, como requisito parcial para obtenção do certificado de especialista, pela UFSM.

² Acadêmica do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, turma 2011.

³ Professora Doutora em Educação, UFSM/CE. Orientadora.

1. DOS CAMINHOS QUE TRILHEI: CONSTITUINDO-ME PROFESSORA

Que coisa poderosa é o Tempo! Andando para trás o mundo em que vivemos vai desaparecendo. É preciso que as coisas que existem agora desapareçam para que as coisas que existiam naquele tempo apareçam! Rubem Alves

É a partir deste autor, Rubem Alves, que me toca, instiga e me identifico, que inicio a escrever este memorial, esta viagem no tempo, esta busca em minhas memórias. Abro caixas antigas, encontro documentos, cadernos, fotos. Fecho os olhos e caminho no sentido contrário do tempo. Revivo lembranças, acordo pensamentos. Nas folhas amarelas busco indícios da minha constituição de professora, trago para o presente marcas impressas no passado. O desejo que se manifestou na infância e foi tomando forma e contornos durante minha trajetória.

Encontro meu primeiro caderno, fevereiro de 1994, entro na escola, na 1ª série, já alfabetizada sem ter passado por uma educação pré-escolar, como se chamava no ano de 1994. Ao folhear meu caderno, lembranças vão surgindo. Minha primeira professora tinha meu respeito, amor e encantamento. Embora fruto de uma educação tradicional, de cópias e reproduções comuns ao início da década de 90, vejo no final do meu caderno escritas minhas, livres. Nas últimas páginas músicas cantadas, relatos, coisas minhas, sentimentos: *“Meus melhores momentos da minha escola”*, penso que são estas últimas páginas, que ninguém leu que marcam o que realmente ficou para mim, dos meus primeiros dois meses de escolarização.

Mas é necessário voltar ainda mais, retroceder nesta linha tênue do tempo. E penso nas histórias contadas, no início de tudo, no meu nascimento – e o que minha mãe viveu durante a gravidez. Sua trajetória para constituir-se professora sempre me fascinou, motivou e inspirou, suas lutas para seguir na carreira, e provavelmente, dentro de seu ventre comecei a viver a paixão pela profissão.

Minha mãe viveu uma luta para poder estudar. Moradora da Boca do Monte, caminhava 8km até a escola durante seu ensino fundamental. Para poder seguir a carreira de professora, deixou a casa de seus pais e foi morar com os irmãos em

São Leopoldo, vindo a concluir posteriormente o magistério no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, desta vez, morando com uma senhora idosa.

Casou-se e enfrentou outro desafio. Por intermédio de um padrinho, conseguiu uma escola para trabalhar na “Cabeceira do Raimundo”, mas devido as condições da época precisava morar na casa de um aluno, vindo para sua casa somente nos fins de semana. E neste tempo, engravidou de mim, conseguindo transferência para Santa Maria somente após meu nascimento.

Ao aprender a falar, já dizia que seria professora, e sentada no colo de minha mãe, enquanto ela realizava seus trabalhos, fazia minhas garatujas, dizendo serem também, meus planos de aula.

Em 1990 nasceu minha irmã, minha grande amiga e companheira, apoiadora e incentivadora. Nós brincávamos muito de “aulinha”, e um fato que me marcou foi a primeira vez que ela leu, era seu aniversário, ou Natal, e lhe escrevi um cartão, foi neste cartão que ela leu pela primeira vez. Lembro-me de sentir-me a pessoa mais orgulhosa do mundo, chamei a todos para ver, contava a todos, senti-me professora neste momento.

Meu ensino médio foi no Nível Normal – Magistério no ano de 2002. Aproveitei o máximo que pude, pré - estágios, estágios curriculares e estágios extra curriculares. Meu encantamento só aumentava, voltei novamente para “minha escola mãe” – EMEF Tem João Pedro Menna Barreto onde realizei voluntariado e meu estágio de final de curso, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

No mesmo ano em que terminei o estágio entrei no Curso de Pedagogia Anos Iniciais, ingresso que se deu pelo Peies – Programa de Ingresso ao Ensino Superior. Entrei então no mundo acadêmico, novas teorias, novas leituras, novas vivências, uma maior complexidade e aprofundamento aos assuntos trabalhados no Magistério.

Durante o segundo semestre resolvi trabalhar como bolsista no Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo, e lá me deparei com uma experiência diferente: a Educação Infantil. Ao entrar no Núcleo trabalhava na Brinquedoteca atendendo a todas as turmas, nos próximos anos minha experiência foi junto as turmas, trabalhando com Berçário e Maternal I. O trabalho com crianças pequenas encantou-me instigou-me muito, sendo o tema escolhido para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Há 4 anos atrás os estudos nesta área ainda eram poucos, ou sem tanta visibilidade, mas sentia-me instigada, sentia a necessidade de

fundamentar minha prática, entender os porquês do que se fazia, e então comecei a ler, e quanto mais lia, mais encantava-me.

No mesmo ano em que conclui o curso fui aprovada no concurso municipal para Professora de Educação Infantil, vindo a trabalhar na EMEI Ida Fiori Druck, onde estou até hoje.

Nessa trajetória, entendi que ser professor, é não sentir-se pronto nunca, é sentir-se instigado, e motivado a sempre buscar novos conhecimentos para aperfeiçoar os fazeres. Assim, conclui uma Especialização em Gestão Escolar e agora curso esta Especialização em Docência na Educação Infantil, com vistas em seguir estudando para um Mestrado.

Nesta caminhada, encontrei uma parceira de luta. Minha grande amiga Luciéli Leal, colega de faculdade, Ipê Amarelo, Ida Fiori Druck, Pós em Gestão e agora Pós em Educação Infantil. Juntas, lutamos por uma educação de qualidade para nossa creche, estudamos, fundamentamos reivindicações, aprendemos uma com a outra. Nós, que também nascemos e vivemos na “vila”, não nos conformamos em saber que para escolas da periferia as Leis relacionadas à educação muitas vezes não se aplicam.

Tenho hoje, uma linda filha de três anos, Lana, que é também um estímulo para que eu lute por uma educação de qualidade, na qual as crianças tenham seus direitos respeitados e sejam entendidas em suas especificidades, uma educação na qual elas aprendam a conviver e relacionar-se com cooperação e solidariedade.

Ao pensar minha trajetória até hoje, percebo o quanto ela se vincula a Educação, minha caminhada sempre teve intencionalidades claras, acompanhadas do desejo de ser professora. Cada dia mais procuro aprofundar meus conhecimentos, pesquisar, qualificar minha prática, mas sem jamais perder os elementos que constituíram minha trajetória, e do que representa, para mim, efetivamente ser Professora.

Senti um grande choque de realidade ao ingressar na Rede Municipal, era o mundo Ipê Amarelo onde trabalhava confrontando-se com a realidade de uma escola pública de periferia, salas superlotadas, déficits na infra estrutura, cunho predominantemente assistencialista, cujo foco principal era dar assistência necessária às crianças pobres tirando-as das ruas, principalmente em virtude do trabalho dos pais que não tinham onde deixar os seus filhos, sendo o local que garantiria segurança (alimentação e higiene) durante o tempo em que os pais

permaneciam longe. Hoje se pensa a Educação Infantil como um espaço/tempo para se viver a infância, um lócus de aprendizagens significativas e de transformação social, dando a possibilidade de as crianças serem, no tempo atual, cidadãos críticos e capazes de mudar sua realidade.

Sinto assim a obrigação de fazer a diferença na minha escola, pois também sou moradora da comunidade em que a escola está inserida, sempre estudei em instituições públicas, e agora formada e trabalhando, sinto a necessidade de também, lutar pela transformação desta realidade.

Uma destas tentativas de transformação foi ingressar na Especialização em Docência na Educação Infantil, já que esta é uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos e compartilhar experiências junto das colegas, o que me faz sentir motivada e encorajada a seguir na luta. *A sensibilização do olhar e da escuta* marcam para mim o que de mais importante reafirmei neste curso para o trabalho de qualidade com as crianças.

Foi sensibilizando meu olhar e dando maior visibilidade para a fala das crianças que comecei a pensar as possibilidades oferecidas pelas crianças, que sinalizavam para alguns caminhos que eu poderia seguir no trabalho com elas. Dessa forma iniciei um processo de registro das cenas do cotidiano, olhando com mais atenção para o que outrora era visto como corriqueiro.

Assim, observando a hora do sono das crianças foi que *Despertei* para pensar minha intencionalidade pedagógica, comecei a repensar minhas práticas e a rotina que perpassava minha sala, os tempos e possibilidades oferecidas para/pelas crianças.

A partir deste *Despertar* ressignifiquei minha postura, planejamento e registro frente aos diferentes momentos que compõe a Rotina na Educação Infantil. Nesse processo, passei a considerar a importância de se pensar, não somente a hora do sono, mas sim, meu trabalho como um todo, o lanche, as atividades propostas, os tempos de brincar livre e dirigido, enfim, comecei a pensar mais criticamente em relação aos meus fazeres, buscando leituras e novos modos para qualificação do meu trabalho.

Diante deste processo e das inquietações geradas pela Especialização emerge um Plano de ação⁴, que como o nome sugere, é um plano para agir, mudar, transformar a realidade de nossas escolas de Educação Infantil. Faz-se importante pensar que essa transformação não parta somente de pressupostos adultocêntricos, mas que os saberes dos professores tenham relação direta e compartilhada com a participação e foco da/na criança no trabalho que se desenvolve na Educação Infantil.

A escola em que desenvolvo meu trabalho é a EMEI IDA FIORI DRUCK, pertence a um contexto de periferia da cidade de Santa Maria, na zona norte uma região de altos índices de criminalidade e marginalização.

A maioria das crianças é moradora deste bairro, de vilas próximas e a comunidade é de condição sócio-econômica desfavorável, trabalhadores informais da construção civil, diaristas, comerciários e recicladores, sendo assim são pais de pouco ou nenhum estudo.

É nesse espaço de uma comunidade escolar que aos poucos vem percebendo um diferente modo de ver a Educação Infantil, mas, entretanto, ainda muito ligada a raízes somente assistencialistas, que trabalho, reflito e almejo transformação, envolvendo também a comunidade escolar a pensar na importância de uma Educação Infantil de qualidade na vida das crianças.

Na busca por uma identidade própria para a Educação Infantil, a Pedagogia vem encontrando contribuições de outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, mais especificamente a Sociologia da Infância.

Muller e Carvalho (2009) nos trazem um encontro com o Sociólogo Willian Corsaro, que é o percussor na Sociologia da Infância, um estudo que foca sua atenção na criança e nas relações sociais que estabelece nos apresentando novos conceitos como a Reprodução Interpretativa (p. 23), percebendo a criança como produtora de cultura e a Cultura de pares (p. 24), percebendo as relações entre as crianças na coletividade, sendo estes novos jeitos de olhar a criança e compreendê-la em sua complexidade.

Segundo as autoras citadas(2009), Corsaro desenvolveu sua sociologia interagindo com crianças da Itália e dos Estados Unidos, traçando paralelos,

⁴ Plano de ação desenvolvido na escola como proposta formativa em que os outros professores (Colegas que estão como eu, em turmas, Coordenação e Direção) foram convidados a refletir coletivamente sobre seus Despertares e novas possibilidades de Despertar.

recortando e analisando episódios. Nesta mesma perspectiva, meu interesse é levar em conta a criança, que vive sua infância no contexto da Educação Infantil de escola pública, suas interações com seus pares e com as professoras, e o quanto está sendo protagonista deste espaço/tempo que vive.

Outros autores também nos ajudam a pensar a criança protagonista “Estas novas propostas têm em comum a compreensão da infância como uma categoria social relevante decorrente do fato social de que agora **crianças são atores sociais, que participam** (embora a situação real das crianças varie enormemente segundo as regiões do planeta e as classes sociais) (BELLONI, 2007). A autora nos traz ainda que:

Cabe à Sociologia da Infância, ou melhor ainda, aos **estudos interdisciplinares da infância**, construir novas abordagens capazes de compreender a complexidade deste processo de construção do indivíduo jovem no contexto de uma sociedade globalizada, mas diversa e desigual, profundamente marcada pela presença massiva de novos objetos técnicos de comunicação e informação que produzem cultura e educação (BELLONI, 2007, p 75).

Neste processo que vivenciei na busca de ressignificar minha prática pedagógica, dei início a um processo de registro das cenas. Registrei através de escrita, imagens (fotos) e vídeos. Trago aqui, aquele marca o meu *Despertar...*

Minha sala na hora do sono trazia uma única possibilidade: Dormir e ficar quieto enquanto os outros dormem. Não havia outra oferta, espaço, alternativa. Mas algo mexeu comigo: A Vida dos Travesseiros. Junto com o despertar das crianças, despertavam os travesseiros que discretamente criavam vida, formas, funções. Profe quer uma bala? – e de dentro do travesseiro tiravam e ofereciam-me balas, bombons e pirulitos imaginários. Mas não só de doces eram feitos os travesseiros, e em passe de mágica viravam pizza, chapéu de cozinheiro, capa de fantasma, notebooks, aparelhos de DVD, televisão, entre outros tantos.

O que é capaz a imaginação de uma criança? Que poder é esse, onde mesmo em meio a situações adversas, sem espaço apropriado e brinquedos ela consegue nos mostrar que pode brincar apesar do adulto?

Bom, se até os travesseiros despertaram, era hora da professora despertar também...

Nesta perspectiva, após Despertar, compartilhei com meu grupo de trabalho – colegas e direção cenas analisadas do cotidiano da minha turma de crianças. Esta Intervenção (com o grupo de professores e direção) representou um momento de reflexão, com vídeos e imagens, no qual pudemos dialogar sobre concepções de criança, de rotina, planejamento, registro, elementos que compõe o cotidiano do nosso trabalho com crianças pequenas. Ao discutir e refletir sobre nossos fazeres na Educação Infantil, pensar relevâncias e desnecessidades, o que é feito por senso comum e o que é pedagogicamente pensado, pudemos iniciar um processo de repensar e reconstruir o modo de ver nossas crianças da EMEI IDA FIORI DRUCK.

Para iniciar, trarei agora uma contextualização mais pontual das minhas vivências, as possibilidades e os obstáculos que são enfrentados, abrindo caminhos de reflexão e ressignificação dos meus próprios fazeres e dos fazeres coletivos...

2. ESTRANHANDO O ÓBVIO, REPENSANDO FAZERES

O cotidiano na/da educação infantil é muitas vezes marcado pela pressa, marcado por uma rotina que seguimos sem pensar ou refletir sobre ela. Queremos, como professores, produzir e mostrar nosso trabalho para os pais, comunidade, direção e acabamos por perder a riqueza dos detalhes, a importância do olhar, do ouvir e do significar as situações “corriqueiras”.

Dormir, trocar de roupa, arrumar o cabelo, lanche, rodinha, atividade dirigida, pracinha. Sempre na mesma ordem. Não há espaço para pensar, refletir, questionar, somente para o fazer, e muitas vezes, o fazer por fazer.

Barbosa (2006) constrói no decorrer dos seus estudos uma diferenciação entre os conceitos de ritual, rotina e cotidiano, importantes de serem pensados também nesse trabalho. Relendo a autora, percebo **o entrelaçamento desses conceitos no que diz respeito ao pensar a organização do trabalho nas escolas. Assim** Rituais → Rotinas → Cotidiano. Os Rituais fixam regularidades, atrelados a regras e hábitos sociais. As rotinas por sua vez têm objetivo e função de organizar e controlar algo maior, o Cotidiano, que é o “espaço-tempo fundamental

para a vida humana”, onde também se repete algumas atividades, mas há a possibilidade de encontrar o inesperado (BARBOSA, 2006).

Infelizmente, o que se pode ver muitas vezes, com o déficit na Qualidade idealizada para a Educação Infantil - infraestrutura adequada, profissionais capacitados, formação continuada, hora para planejamento -, é que nossas práticas pedagógicas caem no conformismo, no senso comum, na falta de fundamentação teórica e da construção de uma prática reflexiva.

As rotinas estabelecidas no cotidiano da Educação Infantil geralmente geram práticas que organizam o fazer pedagógico do professor a partir das necessidades físicas das crianças de acordo com sua faixa etária.

Desta rotina, o momento da “hora do soninho” é uma das questões que mais me instiga a reflexões. Este ano, tenho 22 crianças, e mesmo empilhando os mobiliários da sala, há espaço para apenas 16 colchonetes, assim faz-se necessário que as crianças menores dividam o espaço dos colchonetes.

As crianças vão acordando aos poucos, e precisam respeitar os colegas que continuam dormindo. Tradicionalmente, não podem levantar, não podem brincar, não há espaço. Sinto-me impotente. O que fazer?

Mas em contrapartida as crianças rompem com os combinados, rompem com o silêncio, não querem mais dormir, já descansaram o suficiente, suas energias já se recuperaram...

Instigada por estas questões, como professora de uma escola da Rede Pública Municipal de Santa Maria, na periferia da cidade, comecei a refletir sobre a organização das minhas práticas, principalmente, a hora do ACORDAR do sono, de modo a garantir o respeito às particularidades de cada criança e a vivência da sua infância no espaço escolar.

Acreditando que as mudanças mais significativas se dão no coletivo, e na busca por uma identidade para a escola em que trabalho, proponho, com este trabalho, compartilhar esta experiência com minhas colegas, bem como minhas inquietações e estudos realizados durante o curso de especialização e para elaboração do presente artigo, para que repensemos o nosso trabalho. Tenciona-se discutir e refletir sobre esse assunto para que nossa escola tenha um posicionamento diferenciado frente os diferentes momentos que compõe a rotina da Educação Infantil, e para que juntas pensemos em encaminhamentos diferenciados

que deem conta de atender esta criança que se encontra em nossa escola, que questiona, que subverte a ordem, que cria cultura, e que pede para ser olhada.

Nesse sentido, buscou-se com este trabalho refletir sobre as rotinas, especialmente a hora do sono, a fim de se construir um trabalho pedagógico em que a fundamentação, registro e reflexão diária tornem-se práticas dos professores da EMEI Ida Fiori Druck. Na organização do trabalho buscou-se pesquisar teoricamente como se constituem as rotinas na Educação Infantil; refletir a própria prática percebendo como cotidianamente se lida com as rotinas já incorporadas, principalmente a hora do acordar, a fim de garantir o respeito às crianças.

Como horizonte do trabalho, almeja-se proporcionar uma reflexão coletiva sobre os fazeres das professoras, compartilhando experiências a fim de suscitar “Despertares” no seu trabalho pedagógico. Vale dizer que este trabalho contribuiu no sentido de desenvolver uma prática de ação/reflexão fundamentada e de qualidade, na qual se perceba a criança como sujeito histórico, social e produtor de cultura e protagonista no espaço/tempo da Educação Infantil.

Importa agora discutir com alguns autores concepções que possam embasar teoricamente a prática pedagógica e questionar as Políticas Públicas voltadas para a Educação Infantil a fim de que tenhamos suporte para Despertar e começar a transformação em nossas escolas.

3. PARA NORTEAR A PRÁTICA: TEORIZANDO OS FAZERES

A Educação Infantil como nível de ensino é muito recente, antes esta etapa da educação básica era da ordem assistencial, ou seja, as práticas eram de cuidado e assepsia. Mesmo depois de termos avançado no entendimento do que é a educação das crianças, ainda vemos enraizadas certas concepções de somente cuidado em muitos professores e escolas, ou ainda, no outro extremo, algumas escolas que direcionam o trabalho dando invisibilidade a criança e sua infância, com práticas voltadas exclusivamente ao ensino de conteúdos, ignorando as vivências e as brincadeiras, e impossibilitando as interações entre as crianças, assim:

A identidade da Educação Infantil ora tende para a escolarização/preparação para o ensino fundamental, ora para o assistencialismo, entendido como cuidar das crianças desprovidas de

atenção e criar hábitos de civilidade, numa contribuição que se estende para a família e para a comunidade. (NUNES, 2009, p.37)

Desta forma, pautada na concepção de Educação Infantil que se tem, organiza-se uma rotina de trabalho para as crianças. Elas têm no seu cotidiano um tempo específico para que cada coisa aconteça, precisam respeitar normas e horários, que muitas vezes, infelizmente, vão de encontro com suas necessidades e interesses.

Diante deste contexto, os estudos teóricos acerca das especificidades da infância e das crianças pequenas são muito recentes, e o trabalho pedagógico das creches e pré escolas, muitas vezes constrói-se baseado no senso comum ou na intuição feminina/materna, pois

Inseridas em um contexto em que apenas recentemente a creche é reconhecida no campo da educação, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e bases da Educação – Lei 9.394/96 -, as educadoras de creche vieram construindo as suas referências sobre o trabalho ao mesmo tempo que a creche também se constituía enquanto instituição educativa. (SILVA, p.23, 2001).

Na busca da ruptura com este paradigma faz-se necessário muito estudo, fundamentação teórica para nossa prática e intencionalidade pedagógica. Vivenciando este processo de constituição de identidades, nesta busca por uma prática reflexiva e fundamentada teoricamente, comecei a questionar certos fazeres enraizados nas nossas escolas de Educação Infantil. Assim, comecei a questionar minha própria prática, como professora de Maternal II, sentindo a necessidade de reflexão, fundamentação e registro para a mesma. Para Lima:

Temos defendido uma especificidade de trabalho na Educação Infantil. E esta especificidade se demonstra entre outras coisas na necessidade da criança brincar, viver experiências diferenciadas com seus pares, mas sem prescindir de uma intencionalidade por parte do professor. Essa intencionalidade pode se demonstrar na forma como olha e busca entender a criança, suas vontades e necessidades, na busca pelo diálogo, no registro e na consideração no próprio trabalho das formas da criança brincar e se relacionar com seus pares. Volta-se então a necessidade de produzir formas de trabalho com a criança pequena em que se leve em conta sua fase de vida, suas linguagens, a cultura infantil, porém, precisamos indicar os contornos profissionais que daremos a esta especificidade almejada, mas ainda não definida em muitos contextos de atendimento à infância e de formação de pedagogos (LIMA, 2010, p. 65-66).

Pensando na especificidade do trabalho na Educação Infantil uma das questões norteadoras das minhas reflexões são as rotinas que vivenciamos na Educação Infantil e o quanto elas podem ser ferramentas organizadoras para a produção de conhecimento como podem ser repressoras e inibidoras das particularidades das crianças, como nos traz Barbosa (2007, p.39):

As rotinas podem tornar-se uma tecnologia de alienação quando não consideram o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos, quando se tornam apenas uma sucessão de eventos, de pequenas ações, prescritas de maneira precisa, levando as pessoas a agir e repetir gestos e atos em uma sequência de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio.

Assim, iniciei um processo de reflexão sobre meu fazer pedagógico, um questionamento contínuo sobre as intencionalidades de minhas ações: Até que ponto eu não estava reproduzindo um modelo de prática sem reflexão e fundamentação? Qual a importância do planejamento, registro e reflexão no trabalho com crianças pequenas, pois “ao narrar e registrar nosso itinerário revelamos o caminho o qual percorremos. Para descrevê-lo, nos despimos, nos colocamos frente a frente com os nossos saberes e, também com os saberes das crianças” (FULGRAFF, 2001, p.9).

Pensar as rotinas em Educação Infantil requer no meu ponto de vista, pensar as concepções de criança que temos. Assim a Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e nos traz que:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Questiono-me assim, se nossas práticas vêm proporcionando essa riqueza para as crianças estamos considerando-as centro do planejamento curricular, ou nosso centro do planejamento são as necessidades dos adultos, os horários, as práticas enraizadas, a opinião dos pais, colegas, direção, comunidade escolar?

Diante de tais questionamentos, senti necessidade de ressignificar minha prática, de modo a efetivamente ter a criança como centro do meu planejamento.

Entre os elementos que compõe nossa rotina na Educação Infantil, a hora do soninho tem me inquietado muito. Após o almoço todas as crianças dormem, e aos poucos vão acordando, não há espaço para elas, a sala está repleta de colchonetes, não podem se levantar, pois há colegas com necessidade física de dormir por um período maior, e é preciso respeitar as especificidades de cada um. Não há outro espaço na escola onde possam ir, nem recursos humanos para atendê-las.

Mas as crianças opõem-se ao silêncio, rompem com combinados, elas requerem o seu espaço, buscam ter seus direitos garantidos, estão em um espaço coletivo de aprendizagem e interações e querem fazê-lo. Quais são as possibilidades que ofereço para esta criança? Como garantir o respeito as diferentes especificidades de cada criança em um ambiente coletivo? Como ultrapassar as barreiras de falta de espaço físico adequado? Como proporcionar um ambiente prazeroso onde uma sala, que pela lei, comportaria no máximo 12 crianças e comporta, na realidade, 22 crianças?

Os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil indicam que deve ser respeitado o número de crianças tendo em vista o espaço da sala, apontando que o ideal é 1,5m² por criança até 6 anos de idade (p. 27). O tamanho da sala em que trabalho é de 3,60m por 4,90m, ou seja, 17,64m², espaço que comportaria com qualidade apenas 12 crianças.

Ainda olhando para as Políticas Públicas, temos em Santa Maria as Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal, e a RESOLUÇÃO CMESM Nº 30, de 21 de novembro de 2011 que fixa as Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Infantil, ela traz a relação professor/criança e a relação criança/espaço.

ETAPA	IDADE	RELAÇÃO CRIANÇA/ADULTO RELAÇÃO CRIANÇA/PROFESSOR
a. Berçário I (BI)	de zero a um ano (0 – 1)	6 crianças por adulto No máximo 12 crianças por professor
b. Berçário II (BII)	de um a dois anos (1 – 2)	6 a 8 crianças por adulto No máximo 18 crianças por professor
c. Maternal I (MI)	de dois a três anos (2 – 3)	10 a 12 crianças por adulto No máximo 18 crianças por professor
d. Maternal II (MII)	de três a quatro anos (3 – 4)	12 a 15 crianças por adulto No máximo 20 crianças por professor
e. Pré-Escola A (Pré A)	de quatro a cinco	15 a 20 crianças por adulto

	anos (4 – 5)	No máximo 20 crianças por professor
f. Pré-Escola B (Pré B)	de cinco anos a cinco anos e onze meses (5 – 5a 11m)	20 crianças por adulto No máximo 20 crianças por professor

Ainda a Resolução CMESM Nº 30, de 21 de novembro de 2011, art. 30, II, q, nos traz que “os espaços destinados a atividades para cada faixa etária (sala para atividades, sala multifuncional, sala de repouso, fraldário, lactário, solário) deverão conter área mínima de 1,20 m² por criança, devendo ser organizados de maneira estimulante, confortável, segura, adequada a faixa etária das crianças e ao Projeto Político Pedagógico da Escola”.

Questiono-me então: Se há leis municipais (embora que contradigam as leis federais) por que não chegam até as portas das nossas escolas de periferia? Se são criadas nesta cidade, se são atualizadas, o que impede de que sejam colocadas em práticas? Se existe respaldo legal, por que as nossas EMEIs vivem este caos de superlotação de crianças, e condições mínimas para atender as crianças?

Trago estas questões para problematizar, pois penso que a Educação Infantil precisa ser olhada e ressignificada, precisamos deixar o conformismo e buscar nossa identidade, lutar pela qualidade, fazer com que as leis se cumpram, todos estes indicadores demandam grande esforço, mas, que a partir deles, se pense um novo caminho, um novo modo de pensar, *um novo Despertar para a Educação Infantil*.

4. TRILHANDO NOVOS CAMINHOS: PASSOS DADOS ATÉ AQUI

Entendendo a educação como um processo essencialmente humano, no qual professor e crianças são sujeitos agentes e participantes da sociedade, organizou-se uma intervenção realizada com as professoras/colegas que, pelas características de organização ficou caracterizada em uma abordagem qualitativa, pois valoriza a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, buscando compreender e refletir sobre estas ações. Nesse sentido, sabemos que:

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2006, p.79).

Nesta perspectiva optei por utilizar como procedimento a Pesquisa no Cotidiano, onde se possa pensar as práticas vividas, fundamentar teoricamente e problematizar o espaço/tempo da Educação Infantil. Assim, minha intenção foi buscar cenas do cotidiano, analisa-las, refletir a cerca dos fatos que acontecem no espaço/tempo da Educação Infantil e que passam muitas vezes despercebidos, mas são dotados de significados, relações e razões. Procurou-se adentrar no universo infantil para entender a lógica da criança, suas hipóteses, ousando-me a ser porta voz das falas ditas pelo seu corpo, pelas suas ações e não ouvidas nem vistas pelo professor/adulto, dando maior atenção à hora do despertar. Dessa forma, acredita-se que:

História contada é história revista. É a possibilidade de se (re)ver e compreender as cenas e os cenários que constituem o que chamamos hoje de educação da criança em ambientes coletivos de educação e cuidados. História contada é a possibilidade de se rever também a história de atuação dos sujeitos adultos como responsáveis por esta infância que está aí hoje fazendo história nos diferentes espaços educativos. (LIMA, 2010 p.59)

Revivendo as histórias, pude ressignificar meus fazeres, pensar na atuação dos sujeitos: professoras e crianças, no olhar e na escuta da criança. Deste modo, no trabalho proposto, penso que a criança é considerada protagonista de seu tempo e espaço, pois a partir dos registros das cenas vividas com as crianças, das análises e reflexões por mim realizadas, busquei centrar o planejamento propondo novas possibilidades para minha turma e para minha escola, podendo aproximar-me cada vez mais de uma Pedagogia da Infância – que respeita as crianças enquanto atores sociais e produtores de culturas infantis.

A pesquisa com o Cotidiano nos chama a intervir no contexto em que estamos inseridos, e não apenas descrevê-lo ou analisá-lo, pois:

A pesquisa no cotidiano nos coloca algumas indagações que exigem proposições metodológicas específicas, não bastando uma adaptação dos procedimentos instituídos, pois é uma pesquisa que não pretende apenas construir explicações para os fenômenos encontrados, mas procura

aprofundar a compreensão sobre a realidade numa perspectiva dialógica vinculada a processos de intervenção. (ESTEBAN, 2003 p.200)

Deste modo, procurarei significar, refletir e fundamentar estas práticas, e por fim, propor um momento para socializar com as outras professoras da escola a fim de se produzir uma visão coletiva da escola em que trabalho, ressignificando nossos fazeres.

O encontro foi realizado durante a reunião pedagógica que ocorre mensalmente na escola, tendo duração de aproximadamente duas horas, no qual foram apresentadas problematizações, imagens e registros no projetor, para se discutir no grande grupo, finalizando com um relato escrito de cada professora sobre seus Despertares. Dando continuidade, apresentarei a organização do encontro e as significações pensadas.

4.1 Intervenção Despertar

Quem sabe, um tal encontro entre uma criança e uma professora, ou entre uma criança e outra criança, ou ainda entre uma professora e outra professora possam abrir a escola ao que ela ainda não é, permitam pensar naquilo que, a princípio, não se pode ou não se deve pensar na escola, e fazer dela espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, mundo do devir e não apenas da história, (...) Já escolarizamos suficientemente as crianças. O que precisamos é infantilizar a escola (KOHAN, 2004, p. 9).

Este curso de especialização, junto a sensibilização do olhar e da escuta das crianças, me fez *Despertar* para questões da minha profissão que talvez adormecidas, necessitassem um de outro olhar. No dicionário, encontro a definição de despertar:

1 Tirar do sono; acordar: **2** Sair do sono; acordar: **3** Readquirir força ou atividade; reanimar: **4** Tirar do estado de torpor ou de inércia. **5** Dar ocasião a; provocar, suscitar, causar: **6** Animar, avivar, estimular, excitar: **7** Manifestar-se, revelar-se, surgir (MICHAELIS PORTUGUES)

Pude sair do sono, da inércia, readquirir força e dar ocasião ao diferente, provocar, suscitar o novo, o inesperado, animar-me para a imprevisibilidade, fazer surgir um outro olhar para minha própria prática, acompanhado da mudança da mesma.

Mas assim como no Conto de Fadas *A Bela Adormecida* dos Irmãos Green “Aurora despertou, olhou para o príncipe e sorriu. *Todo o reino também despertou naquele instante*”⁵. Fui instigada a pensar a rotina da minha turma, meu planejamento, meu registro, e também a propor um momento de reflexão com minhas colegas, para que efetivamente “*todo reino despertasse...*”

Planejei assim um momento durante a reunião pedagógica que acontece mensalmente na escola para que pudesse conversar com minhas colegas (professoras, direção, coordenação, estagiárias, funcionárias), a fim de refletirmos e pensar encaminhamentos diferenciados para nosso trabalho. Pensei algo que não fosse invasivo, nem inibidor, então levei o trecho antes citado do conto de fadas da Bela Adormecida, juntamente com a definição de despertar do dicionário, convidando-as para que nos colocássemos no lugar da Princesa e pensássemos nosso trabalho.

Em seguida, apresentei no data-show histórias que contavam das minhas vivências, do meu despertar para pensar a Rotina do Sono, além das histórias, apresentei também imagens (fotos) em forma de vídeo que ilustram, a partir dos registros de minhas reflexões sobre esse momento da rotina estabelecida em minha turma para o acordar – uma rotina aberta ao inesperado, ao novo, as possibilidades, aos caminhos apontados pelas crianças e construídos a partir da sensibilização do olhar e da escuta.

Para que as colegas pudessem direcionar suas reflexões, alguns elementos foram lançados: O protagonismo da criança – o seu brincar - a relação com seus pares, a relação com a organização do espaço. Esses elementos foram colocados em pauta para que pensássemos na ideia de rotina que se tem na escola coletivamente.

⁵ Proponho a analogia de nos colarmos no lugar da Princesa, sugerindo que talvez estejamos adormecidas em questões referentes à nossa profissão, e quando a Princesa desperta, todo reino desperta também, assim foi necessário propor este momento, para que discutíssemos no coletivo a fim de construir uma identidade coletiva de grupo engajado na luta por uma educação de qualidade.

Após uma breve discussão no grande grupo, pedi para que cada colega registrasse um parágrafo, sobre seus *Despertares*, no sentido de que pudessem externar para o que estão despertando e quais possíveis alternativas para que uma ação efetiva se realize em suas práticas. Esse passo foi pensado no sentido de que pudéssemos ter contato com suas percepções após a reflexão realizada. Os registros de seus *Despertares* serão analisados e refletidos a seguir.

4.2 Na busca pelo Despertar coletivo

“Afloro em espaços vazios, poesia
Se eu me deixar sonhar...
Não falo, porém, de sonhos quaisquer,
Não quero pra mim um sonho sequer
Que não seja de DESPERTAR...”

Daniel Retamoso Palma - Jardim de Cataventos

No início da Intervenção as colegas mostraram-se quietas, apenas ouviam, ao iniciar com o Conto de Fadas e fazer um convite para o Despertar, uma colega brincou “Despertar! Ah! Não dá pra continuar dormindo?”. Mas a medida que continuava a intervenção as vozes começaram a se manifestar, e problemáticas diferentes foram levantadas, enriquecendo o despertar coletivo na escola.

As professoras do Maternal I (que trabalham com crianças de 2 e 3 anos) apontaram para uma problemática que estão vivenciando: A troca de fraldas. Segundo os relatos a maioria das crianças ainda usa fraldas, mas a sala (e a escola) não tem local apropriado para as trocas, que são feitas no chão ou em cima das mesas de atividades, negligenciando questões sanitárias e de respeito às particularidades de cada criança. Mas, mesmo em meio a estas dificuldades, a professora apontou para um Despertar que teve:

Em nossa sala quando voltávamos do lanche fazíamos a rodinha da conversa e alguma atividade nas mesinhas, em função das trocas de fraldas e para não deixar as outras crianças esperando (pois ficam inquietas, brigam...) ao realizarmos as trocas de fraldas as outras crianças brincam livremente (Professora B).

A fala da professora evidencia a sensibilidade para mudança, pois percebendo que algo lhe incomodava, e certamente, incomodava as crianças também, saiu da acomodação e percebeu que era preciso propor algo diferente. Deste mesmo modo, a professora do Pré B 1 trouxe a Hora da escovação como ponto marcante de um Despertar de sua rotina.

Meu despertar da rotina na sala da Pré escola B está na hora da escovação. Ano passado tinha muita dificuldade de escovar as crianças depois do café, pois as crianças não se concentravam em outros momentos, era difícil de desenvolver outras atividades. (...) Enfim, mudei a escovação para depois do almoço que as crianças estavam mais calmas. **O momento de escovação é necessário, não podendo deixar de ser feito, porque muitas crianças não escovam os dentes em casa, devido as condições familiares.** Já neste ano, o momento de escovação acontece depois do café e há concentração e interesse das crianças em outras atividades depois. Também isso ocorre pelo fato das crianças reivindicarem mais tempo para brincar, pois algumas crianças chegam na hora do café, e o primeiro momento (antes do café) é livre, de jogos e brinquedos (Professora C).

Partindo da fala destas professoras podemos perceber a Rotina como algo aberto. Ao criar rotinas, as professoras deixam uma margem de movimento, que possibilitam o olhar e escuta atentos focados nas crianças articulados com a intencionalidade do professor, estando abertas a mudança que são sinalizadas pelas crianças, e pela sensibilidade de entender o contexto social das famílias, já que a escola localiza-se na periferia da cidade, e a maioria das famílias encontra-se em vulnerabilidade social.

E para que alcance está postura flexível, é preciso deixar de lado o conformismo e o comodismo, práticas engessadas geralmente acontecem quando deixamos de nos inquietar e refletir sobre os conflitos diários que vivenciamos na Educação Infantil. Trago a fala da Professora do Pré B 2

A rotina na sala de aula é necessária, assim como na nossa vida, mas às vezes me pergunto: será que é importante para a criança? Será que se montar com a criança não será mais válido do que eu impor para ela? Um exemplo disso é quantas vezes planejamos uma atividade de determinado assunto e acabamos mudando com um simples comentário da criança numa rodinha. Momentos como este são importantes para refletirmos a nossa prática pedagógica (Professora D).

Interessante pensar nessa perspectiva, como trouxe a colega “Momentos como este são importantes para refletirmos a nossa prática pedagógica”, porém, sabemos que as EMEIS carecem de formação continuada, carecem de reuniões em que a pauta vá para além de assuntos gerais e via de regra administrativos, pois acabamos “adormecendo”, e o diálogo com as colegas, o compartilhar de saberes e estudos de cada uma, das inquietações vividas, trazem o enriquecimento para o grupo, que vai formando uma identidade coletiva na busca pela Educação Infantil de qualidade. Deste mesmo modo:

A relação com colegas e professores é algo de extrema importância pois é através das relações que vamos nos desenvolvendo, aprendendo uns com os outros, as diferentes culturas de cada um fazem com que nos possibilitem conhecer o mundo ao nosso redor. (...) Acredito que em cada momento estamos aprendendo com as crianças, colegas e com as situações. “O conhecimento avança quando o aprendiz enfrenta questões sobre as quais ainda não havia parado para pensar” Weisz⁶ (2002,p.71) (Professora E).

E assim, os processos de reflexão juntamente com o de registro tornam-se tão essenciais na Educação Infantil, pois planejar, refletir, registrar são elementos fundamentais para que se pense uma Pedagogia para a Infância, diferenciada, deixando de lado fazeres automáticos e mecânicos, abrindo mão de uma Rotina baseada nas conveniências dos adultos para um Rotina organizada a partir de um olhar atento e sensível à criança, que é única, e diferente de uma idade para outra, de uma turma para outra, de um ano para outro. Ser professor de Educação Infantil é reconstruir-se a cada nova criança que encontra a sua frente.

Na minha opinião o que deve realmente ser levado em conta é que a criança seja o sujeito de seu aprendizado. O nosso trabalho só tem sentido se pensarmos na criança como centro dele. O meu despertar está sendo em relação as observações, os aprendizados que o meu estágio está me proporcionando. As rotinas se justificam para a melhor organização do ambiente, mas tornam-se prejudiciais se interferem e interrompem o desenvolvimento da criança (Professora F).

Nas falas ouvidas durante a intervenção e nas produções escritas posso perceber que as professoras, estagiárias, coordenação e direção, tem o desejo de que nossa escola valorize, respeite e focalize seu trabalho na criança. Nossa

⁶ A citação de Weisz foi trazida pela professora “E” no Registro escrito sobre seu Despertar.

dificuldade, talvez, seja organizar nossas concepções coletivamente, pois nos falta um tempo para isto e formação continuada. Com otimismo, posso afirmar que depois desta intervenção, muitas colegas ficaram sentindo este mesmo desejo, de aprofundar conhecimentos, de estranhar o óbvio, de refletir, registrar e compartilhar mais.

Acho que sempre temos o que mudar, mudar pra melhor, como estamos tentando fazer, por exemplo, a hora do soninho da tua turma, depois mudar tua sala de local. Gostaria de achar um caminho melhor para nossas reuniões, que fosse mais seguidas e eficientes, mudar a "hora" do almoço dos maternais...Tenho um monte de vontades!! Mas acredito que estamos no caminho, somos um grupo que não se acomoda, e unidas, então acho que estamos "despertando" para muitas coisas (Professora I).

Deste mesmo modo, pensando ainda na formação continuada:

(...) a formação é necessária não apenas para aprimorar a ação profissional ou melhorar a prática pedagógica. (...) a formação como direito de todos os professores: formação como conquista e direito da população, por uma escola pública de qualidade. Podem os processos de formação gerar ou desencadear mudanças? (...) as práticas concretas feitas nas creches, pré-escolas e escolas, e aquilo que sobre elas falam seus profissionais são o ponto de partida para as mudanças que se pretende implementar. E elas são sempre feitas em conjunto. (Kramer, 2002, p.128)

Acredito que este Despertar marcará uma nova organização para as reuniões mensais, e, principalmente, um Despertar para a nossa EMEI, para ressignificar as rotinas da prática pedagógica e um olhar diferenciado sobre a criança, contribuindo para um maior entendimento e respeito à infância. Compartilho agora a visão romântica expressada por uma das professoras, que elucida poeticamente, aquilo em que também acredito:

Poderíamos começar a despertar a criança que um dia fomos, para entender as crianças um pouco mais, dar mais atenção aos momentos em que elas estão reunidas e ir percebendo como é fantástico as suas imaginações. Como seria bom se nós também entrássemos nesse mundo imaginário, alguns minutinhos que fosse, mas sabemos das dificuldades de interagirmos mais com as crianças pelo fato de termos muitas crianças em uma sala e só duas professoras para cuidar, dar atenção, trocar fraldas, ensinar, brincar e dançar. Muitas destas crianças só recebem atenção e carinho de nós, como seria bom poder despertar desta realidade em que nos encontramos hoje, sabemos que não é impossível começar a mudança por uma educação melhor, mas sabemos que encontraremos muitas pedras no nosso caminho e é a partir de irmos juntando cada uma delas que iremos construir o nosso castelo dos sonhos e enfim DESPERTAR (Professora E).

A partir desta fala podemos pensar elementos que são fundamentais para a prática pedagógica da sala e que dependem fundamentalmente da sensibilidade do professor, destaco a habilidade de compreender a criança a partir da criança adormecida em nós, encontrando na nossa memória e revivendo uma criança para lhe fazer companhia para brincar e descobrir. Outro elemento importante é a afetividade, a relação que se constrói com a criança, a conquista da confiança, imprescindível para que os conhecimentos possam ser produzidos de forma significativa.

Após passada Intervenção proposta, a Coordenadora Pedagógica veio conversar comigo, relatando-me que passou o fim de semana instigada, pensando no que poderia Despertar para que auxiliasse no nosso trabalho, então se lembrou de uma antiga mesa, inutilizada, que poderia servir como “fraldário”, sabendo que não é o ideal, mas o possível para o momento.



Muito ainda há de se fazer, muito ainda há de se pensar, mas pequenas mudanças e pequenas atitudes são a marca de um Despertar maior, são o ponto de partida para gerar novas inquietações, para mexer com o que está posto e para questionar as práticas que talvez precisem ser revistas. Este foi o movimento gerado na construção deste artigo, e que trago a seguir...

5. PARA SEGUIR DESPERTANDO... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao trilhar este caminho de ressignificação da minha prática e de intervenção com meu grupo de trabalho, problematizando nossos fazeres, individuais e coletivos, percebo o quão complexo é o trabalho com crianças. Quanto mais se lê mais dúvidas brotam, quanto mais se registra, mais sentimos a necessidade de compreender, entretanto, penso que é assim que o conhecimento se produz, por vezes doloroso, mas essencial para que o processo de transformação aconteça.

Sensibilizar o olhar e a escuta da criança vão para além das paredes da escola, é preciso um olhar para as famílias e para a comunidade em que a criança está inserida, e o contexto em que vive sua infância.

Ser professora em escola pública de periferia é um desafio! Escrever este artigo abriu meus olhos para pensar coisas que eu não havia pensado, e instigada, aprofundei meu olhar para a criança que estava a minha frente em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Penso que fundamentalmente o que pode dar o contorno de uma escola prazerosa para as crianças é a intencionalidade do professor, que pode abrir possibilidades, suavizando e colorindo momentos da prática que são rotineiros, mas necessários: Alimentação, higiene, escovação, troca de fraldas e sono, por exemplo.

Meu ponto de partida foi a hora do soninho. A inquietação com a prática vivenciada provocou um movimento interno, no qual houve a necessidade de registro e reflexão das práticas vivenciadas, que, por conseguinte influenciou no meu planejamento e no modo de ver e dar visibilidade a criança. Meu Despertar suscitou a necessidade de também convidar meu grupo de trabalho (Colegas, Direção e Coordenação) a também Despertar, ressignificando as práticas coletivamente.

Imersa na realidade em que trabalho, acredito que a “hora do soninho” é importante para as crianças, pois a escola torna-se em muitos casos o único lugar em que ela pode dormir com tranquilidade, pois famílias em vulnerabilidade social, não são casos raros em nossa escola: filhos de garotas de programa, filhos de pais viciados em drogas, alcoólatras, e crianças que moram em pontos de venda de drogas, bem como crianças que esperam acordados até tarde para verem seus familiares chegarem em casa de seus empregos, escolas e passeios. Por isso

acredito que as crianças da nossa creche (0 a 3 anos) precisam ter a oportunidade de dormir e descansar na escola, mas cabe ao professor dar o tom deste momento.

Portanto mais uma vez saliento, acredito que atitudes pedagogicamente pensadas são fundamentais para qualificar o trabalho com crianças pequenas, pois planejando, refletindo e registrando o professor conta com um suporte capaz de fazer com que perceba a criança em toda sua complexidade, compreendendo suas interações na escola, família e comunidade, e assim auxiliando em seu desenvolvimento.

Mas é preciso continuar Despertando! E Despertar não somente para o próprio trabalho, mas continuar instigando o coletivo, a identidade da escola, a luta por fazer-se cumprir as Políticas Públicas para a Educação Infantil, reivindicando condições de trabalho adequadas. Superamos obstáculos diariamente e eles não são empecilhos para que continuemos a buscar o novo, mas é necessário mobilizar-se para que não tenhamos que viver sempre de jeitinhos e favores. As leis existem! – Que se façam cumprir!

Ao encerrar este artigo penso que alcancei o objetivo a que me propus ao passo que Despertei dentro de mim outras tantas inquietações para continuar buscando. Tenho uma postura bastante romântica frente à educação, e acredito em um trabalho que possa fazer a diferença na vida das crianças, acredito em uma escola em que as crianças sintam prazer em estar, e acima de tudo, acredito que as crianças de periferia tem direito a esta educação, e não aceitarei que elas vivam de migalhas, sonho com esta educação de qualidade, um sonho de Despertar, e fazer com que as coisas efetivamente aconteçam.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006

BARBOSA, M. HORN, M. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2007_01/5-Maria%20Luiza.pdf. Acesso em: 01/04/2013.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília DF 2006. V.2.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009**. Brasília: MEC/CNE/CEB 2009.

CHIZZOTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SANTA MARIA. **RESOLUÇÃO CMESM Nº 30, de 21 de novembro de 2011**. Santa Maria: CMESM 2011.

CORSINO, Patrícia (org). **Educação Infantil: Cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FARIA, Ana Lucia Goulart, DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, PRADO, Patricia Dias. **Por uma cultura da infância – Metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FULGRAFF, Jodete. Prefácio. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Deixando marcas: a prática do registro no cotidiano da educação infantil**. 2. ed. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

GARCIA, Regina Leite. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

KOHAN, Walter Omar. **Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância.** In: Reunião Anual da ANPED, 27., 2004, Caxambu. (GT 07 – Educação da criança de zero a seis anos). Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 01/06/2013.

KRAMER, Sonia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lucia de A. **Encontros e Desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Graziela Escandiel de. **Cotidiano e trabalho pedagógico na educação de crianças pequenas:** produzindo cenários para a formação de pedagogos. PUC-RS. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, A. (Orgs.) **Teoria e prática na pesquisa com crianças:** diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Isabel de Oliveira. **Profissionais da Educação Infantil, Formação e construção de identidades.** SP: Cortez, 2001.